

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

VOL. III-N. 157

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
Nova secção.....	
Estudos de Litteratura	
Brazileira.....	Sylvio Romero.
Inverno, soneto.....	I. Martins Junior.
Falso naturalismo.....	Octavio Mendes.
Lexicologia didactica....	G. Bellegarde.
A hermita.....	B. Paranapiacaba.
Lexicographia brazileira	A. J. Macedo Soares
Cães....., poesia.....	M. e Albuquerque.
Quadros negros.....	J. Norberto S. S.
Fossilização, songto.....	H. de Carvalho.
Combate de S. José do	
Norte.....	Dr. Gama Rosa.
Scenas populares, poesia.	R. Theophilo.
A bética.....	Virgilio Varzea.
Dia 28 de Agosto, soneto.	Angelo de S. Pray.
O banco de corol, soneto.	Alvaro Martins.
A mulher.....	A. Foscolo.
Confissão, poesia.....	O. Duque Estrada.
Notas bibliographicas. —	
«Contemporaneas».....	Luiz de Castro.
Movimento litterario.....	
A lme antiga, soneto....	Cruz e Souza.
Theatros e diversões.....	
Romance defeito, poesia	Oliveira e Silva.
Diversas publicações. ...	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NITHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A Empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôds ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adélina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior; 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

NOVA SECÇÃO

Sob o titulo — *Notas bibliographicas*, inauguramos hoje a secção destinada ao estudo e critica das obras scientificas e litterarias que forem apparecendo entre nós e se recommendarem pela elevação de vistas dos seus autores.

E, porque taes obras poderão versar sobre diversos e variados assumptos, a nova secção será collaborada por diferentes pennas, conforme a natureza e a indole da obra que se houver de analysar.

Estudos de Litteratura Brazileira

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO

Além de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Franco de Sá, que já estudamos em capitulos anteriores, além de Trajano Galvão e Gentil Homem, que vimos mais ou menos individualmente neste mesmo capitulo, restam-nos ainda dois illustres poetas maranhenses a analysar neste mesmo logar: *Joaquim Serra* e *J. de Souza Andrade*.

Digo que faltam dois e a verdade seria dizer que faltam trinta ou quarenta, tal a abundancia de talentos poeticos naquella provincia dos annos de 1850 — 1870.

De todas as regiões do imperio é o Maranhão aquella que é mais facil de estudar-se sob o ponto de vista litterario.

As *Tres Lyras* dão-nos as melhores poesias de Trajano, Gentil e Marques Rodrigues; O *Parnaso Maranhense* além dos versos destes tres, de Odorico, de Gonçalves Dias e Franco de Sá, traz os de quarenta e seis poetas mais: — é um total de cincoenta e dois poetas.

O *Pantheon Maranhense*, consideravsl obra de Antonio Henriques Leal. põenos em contacto com os homens mais distinctos da provincia em todas as espheras da actividade social.

Os *Sessenta Annos de Jornalismo* (1830-1890) por *Ignotus* (Joaquim Serra) dá-nos um excellente esçoço da publicistica maranhense neste seculo.

Juntae agora a tudo isto as bellas edições dos autores provincianos dirigidas por Belarmino de Mattos em suas officinas, abrangendo li-ro de Sotero dos Reis, de Gonçalves Dias, de João Francisco Lisboa, de Souza Andrade e comprehendêr-se a abundancia de documentos e a facilidade do trabalho.

Verdade é que a obtenção destas e ds outras obras provincianas uem sempre é coisa facil a quem reside no Rio de Janeiro.

A primeira necessidade do critico lit-

terario é fazer num pessoal tão grande de escriptores a indispensavel escolha, a selecção do merito.

No meio daquelles cincoenta e dois poetas podem-se notar seis ou oito que levantam a cabeça mais alto. E Joaquim Serra é certamente deste numero.

Não era, repare-se bem, só a poesia que então fulgurava no Maranhão; lembremo-nos do fulgor intenso do jornalismo politico, da eloquencia forense e tribunicia, da historia, da critica litteraria, e, para bem attingirmos a comprehensão completa dos factos, não esqueçamo-nos de que só por si a figura imponente de João Francisco Lisboa é sufficiente para illuminar uma epoca inteira.

Joaquim Serra viveu naquelle meio e gozou da bella camaradagem de peregrinos talentos; fez parte daquelle grupo que escreveu em collaboração o interessante romance — *A Casca da Canelaira*.

Joaquim Serra é uma natureza de facil estudo; é um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel, ou pelo menos inalterado até aqui.

Numa alma assim argamassada o entusiasmo tem entrada franca; si o temperamento é de poeta — a poesia será ahi simples, galhofeira, ousada, patriótica; si o temperamento é de politico — a intuição politica será o liberalismo em sua bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso indefinido, entusiasta pelo bem estar do povo, — liberalismo alheio á democratização forçada e destruidora que mata e arraza sem construir.

O nosso maranhense tem ambos os temperamentos: é um poeta e um jornalista politico; por uma e outra face suas qualidades principaes são — o brazilismo de suas inspiraçoões e de seu estylo; o humorismo amoravel do seu temperamento.

Elle é um optimista, já o disse, e o meu leitor não se espante, nem abogalbe demasiado os olhos.

Não si que especie de aragem pestifera soprou sobre os autores e litteratos cá da terra, que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda a parte.

Já começam a brotar do chão as theorias e cada um assignala patria á epidemia: uns a julgam oriunda da Russia, por causa da lucta entre o czarismo e o nihilismo, e mais por causa do genio sombrio da raça slava; outros a fazem provir da Alemanha, por causa do supposto militarismo e do espirito supposto phantastico do povo personalizado em Schopenhauer; estes, nada podendo admitir que não tenha sua origem na portentosa França, gritam bem alto que a maravilha pessimista irradiou de Paris, engendrada alli por Flaubert por Goncourt e os mais ousados chefes

do naturalismo; aquelles julgam-na um producto da complicadissima civilização moderna; aquelles outros correm em defeza do nosso sublimado e archi-prodigioso tempo, e dão a causa como um producto do theologismo da Idade-média; os aryauós extremados a põem na conta dos semitas; estes chãos de razão a demonstram entre os *aryanos* desde os remotissimos tempos da India buddhica l... Assim vae o debate.

Não conheço outro assumpto em que as tolices e patacoadas tenham occupado area tão consideravel.

Uma velhissima e constitucional tendencia da organização humana dadas certas e dsterminadas circumstancias foi elevada á categoria de mytho inexplicavel.

O nosso Joaquim Serra não dará por este lado grandes affazeres aos criticos; elle soffre da molestia contraria, é um optimista; digere bem e sabe dar gostosos gargalhadas. *Tant mieux pour lui*.

Sua biographia é simples e escreve-se em quatro palavras: filho do Maranhão, fez alli alguns estudos de humanidades; sem ter a massada de ir a uma acadsmia buscar um diploma, verdadeiro trabolho muitas vezes, atirou-se logo muito moço ao jornalismo de sua terra natal; começou tambem desde logo a cultivar a poesia.

Mais tarde passou-se para o Rio de Janeiro, onde sua vida e sua arma tem sido sempre o jornalismo. Tsm eido deputado numa ou duas legislaturas, no parlamento não se destacou por qualidade alguma especial.

Chegados a este ponto, é-nos preciso agora dividir o assumpto; vejamos o poeta e depois o jornalista.

Desde muito moço principiou elle a exhibir-se numa e noutra esphera; seus primeiros ensaios são de 1858, 59 e 60 no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotero dos Reis.

Serra tinha alli por companhsiros Gentil Homem e Marques Rodrigues; Serra usava do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, Gentil do de *Flavio Reimar* e Rodrigues do de *Sanch o Falstaff*.

Vamos ao poeta.

Nesta qualidade tem elle já publicado quatro livros: — *Versos de Pietro de Castellamare*, *Salto de Leucade*, *Um coração de Mulher*, *Quadros*.

Nestas obras, entre produções originaes, ha muitas produções nomeadamente dos poetas americanos.

Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das côres, pelo brazilismo dos quadros.

Sente-se immediatamente que se está a tratar com um homem que veiu do povo, que conviveu com elle, que o conhece, que se inspirou de sua poesia, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que tendo

mais tarde conhecido os autores estrangeiros, e havendo-os até estudado e traduzido, nem por isso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brazilismo e quebrar-se-lhe na lyra a corda das antigas melodias sertanejas.

Serra é um poeta local, eivado do impressionismo campesino e popular, e não tem vergonha de sel-o, antes o patenteia com desembaraço.

Acho-lhe razão nisso.

Mais de uma vez no curso desta historia, tenho defendido os fóros desse poeta sertanegista, popularista, ou como o queiram chamar. É um genero difficilimo; porque tem a maior facilidade em descambar do bello para o ridiculo.

No viver das populações campestres, especialmente em algumas lendas tradicionais, em alguns costumes graciosos, ha muita poesia; mas é só isto: si se quer ir além e divisar poesia em tudo alli, até mesmo naquillo que é de um prosaismo acabrunhador, é um gravissimo desacerto!

Não vamos nós agora suppôr que só na ignorancia, na rudeza, na barbaria do sertanejo é que ha poesia, e que esta baja sahido foragida dos centros civilizados e se tenha ido abrigar absolutamente entre *matutos, tabaréos, caipiras, sertanejos, garimpeiros* e quantas classes rudes e semi-bravias habitam a vasta zona central do enorme Brazil.

É preciso muito geito com essas coisas; não queiramos á força de exaltar a sertanejada da poesia, tornal-a de todo ridicula; deixemo-nos de *agriculturas* muito exaggeradas, até na propria poesia.

Si o bucolismo grego degenerou em chilras parvoicadas, não será o matutismo brasileiro que ha de escapar da geral decadencia de todo excesso.

SYLVIO ROMERO.

INVERNO

Janeiro — um monge friento
Sob a estamemba grosseira—
Deita o capuz, e peneira
No espaço o olhar nevoento.

Uma mortalha alvadia,
Da côr dos lyrios marmoreos,
Estringe a Terra sombria
Em grandes tons inercencorios.

Foi-se a flôr, foi-se a folgagem.
As aves já na estalagem
Da selva não fazem ninhos.

Somente canta o granizo;
Apenas floresce o riso
Da Neve, pelos caminhos.

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

FALSO NATURALISMO

Acabo de lêr *La Terre*, de Zola, e ainda me sinto acabrunhado pelo extraordinario esforço de talento que esse livro demonstra.

Nunca o epitheto de *grande épico*, dado por Eça de Queiroz ao celebre escriptor seria mais justamente empregado

do que agora depois da publicação de *La Terre*.

A acção do romance é uma verdadeira epopeia; aquelle grande amor á gleba, amor que a todos os outros supera e que caracteriza o immorredouro personagem de Fouan, é o elemento principal dessa lucta épica pela posse do terreno, lucta que constitue o romance todo.

La Terre é um livro tão grande, tão indicativo da força sobrehumana do genio de Zola, que, ao lê-lo, sente-se irresistivelmente levado a fazer esta comparação:

É o romance o oceano; a acção desenvolve-se tão poderosa como o vae-vem das ondas, que lambem incessantemente as praias de um e outro mundo; ás vezes as vagas se enfurecem, o mar impellido por estranha força indomavel, levanta-se de repente alto, tão alto que não pôde o olhar humano acompanhá-lo; assim no romance situações são tão fortes, tão bem talhadas, que não se pôde tranquillamente seguir o autor no descrever-las, lê-se-as, mas com os olhos rasos de lagrimas e o coração entumecido; e as proprias scenas em que a linguagem do grande romancista reveste-se de hedionda roupagem recordam os resíduos que, ao retirar-se, o oceano deixa sobre as praias.

Ha na *Terre* uma scena entre todas, em que a penna amestrada de Zola elevou-se a par de Shakespeare: é aquelle em que o velho Fouan, abandonado e repellido de todos os seus filhos desse, vacillando e tetrico, a encosta da Beauce, e vae, sem o saber, qual um automato, bater á porta da irmã, a avãra, a hedionda La Grande. O dialogo que então se trava entre os dois, um, supplicando um pouco de pão, outra, tudo negando no repugnante egoismo da avarenta, é de commover os mais fortes.

O velho fica por um momento gelado e immovel diante dessa porta que a irmã, cumprindo a antiga promessa, lhe fecha, inexoravelmente.

Depois, volta-se e, machinalmente, sem o sentir, mergulha-se de novo nas trevas, com a fome e o frio a acabrunhá-lo, aguçado pela chuva e pelo vento.

Esta scena terrivel, descripta com uma perfeição inexcedivel, me trouxe á memoria o rei Lear, quando abandonado pelas duas filhas ingratas, são, louco de dôr e de desespero, dirige-se ao descampado e alli pergunta á chuva e ao vento que o torturam.

— O' tempestade, ó ventos, porque me odiaes, si não sois minhas filhas?

Pelo que fica dito vé o leitor que é sem limites o meu entusiasmo pelo grande chefe da escola naturalista. Entretanto, confesso-o sem reboço, ao acabar de lêr *La Terre*, ao mesmo tempo que uma enorme admiração se aposava de mim, sentia-me triste, e vou dizer porque.

Scenas ha na *Terre* e não poucas, que podem coadunar-se perfeitamente com a linguagem de um bordel, mas nunca com as paginas de um livro, mesmo que esse livro se diga e de facto o seja naturalista.

Dos romances de Zola, *La Terre* é um dos que mais forte impressão sobre mim exerceram; mas ao mesmo tempo é, com certeza, de todos o mais obsceno.

E não me parece que a obscenidade seja elemento imprescindivel de um romance naturalista.

Que o futuro, e quiçá mesmo já o presente da litteratura pertence á escola realista, é facto que se não discute. E isto porque a verdade sempre triumphou e o naturalismo quer dizer a verdade na litteratura.

Todos os espiritos da actualidade, exceptuando apenas meia duzia de velhos rotineiros e outra meia duzia de mulheres romanescas, *precieuses ridicules*, na phrase de Moliere, já aceitaram a fórmula naturalista.

Ninguém que tenha uma verdadeira comprehensão do que deve ser o romance lê hoje Lamartine, Dumas pae ou Victor Hugo, sinão porque *noblesse oblige*; a época é de outros. E isto porque?

Porque Lamartine, Dumas e Hugo, como romancistas, são pura e simplesmente mentirosos, e alguns delles mesmo immoraes, muito mais do que o é Zola nos seus arrojados romances.

Elles ainda têm um pequeno grupo de adeptos, mas isto é apenas um engano transitorio. Daqui a dias o triumpho mais completo ha de corôar os esforços dos revolucionarios, e o naturalismo levantará seus arraiaes no mesmo terreno em que outrora levantou os seus a decrepita, a moribunda escola romantica.

Mas por isso mesmo que o triumpho é indiscutivel, precisamos accentuar bem qual o verdadeiro e qual o falso naturalismo, afim de não perdermos completamente o fructo da victoria.

A natureza tem duas faces: a face limpa e a face suja. Porque o grande monographista dos *Rougon-Macquart* ha de timbrar em estudar exclusivamente a segunda?

A propaganda que elle impulsiona com o seu enorme talento deve dirigir-se a todos: homens e mulheres, velhos e moços.

Estudando a face boa, a face limpa da natureza e modelando por ella os seus romances, elles poderão ser lidos por todos; entretanto que, restringindo-os á face má, á face suja, terá que sujeital-os ao rotulo: *leitura para homens*. E a propaganda sendo restricta, a victoria nunca será completa.

E Zola é tão commovente e tocante quando elle o quer!

A sua penna possui todos os encantos, todas as seducções. Para que não empregal-os na feitura exclusiva de livros que possam ser lidos por todos?

Pois quem escreve *Une page d'amour* e *L'Œuvre* precisa por acaso escrever as paginas que tornam *Nana* e *La Terre* livros exclusivamente para homens?

E esta aberração do espirito de Zola já tem produzido máus fructos. Entre nós Aluizio Azevedo escreveu *O Homem* e em Portugal Eça de Queiroz escreveu a *Reliquia*.

Quandoo genial romancista reconhecerá o seu erro e, emendando-o, tornar-se-á o genuino successor de Balzac, o chefe do verdadeira escola naturalista? S. Paulo.

OCTAVIO MENDES.

Lexicologia Didactica

A CALUMNIA!

La calomnie, monsieur? vous ne savez guère ce que vous dédaigner... Assim principia a famosa e tantas vezes mencionada discripção da calumnia.

A calumnia! Eis, em descorada traducção, de nossa lavra, como Beaumar-

chais a descreve no universalmente conhecido *Barbier de Seville* (acto 2º, scena 8ª). Falla o famigerado Dom Bazilio.

«Começa por um murmurio que, passando á flôr do solo qual andorinha ao presentir borrasca, *pianissimo* soa e vãa desferindo, cêlere, hervada seta. Acolhe-o uma boca, e *piano piano* insidiosamente vol-o transmite á puridade.

Está lançada a semente, Eil-a que germina, alastra, caminha, *rimforzando* de boca em boca, tavra até que de subito, inopinadamente, a calumnia alga o colo, silva e se entumescce, avultando a olhos vistos. Arremeça-se então, amplia o lança, redemoinha, envolve, arranca, arrasta, estoura e ribomba, transmutada, por mercê dos céus, em brado *unisono*, em *crecendo* publico, em *chorus* universal de odio e execração.»

A estas palavras fazem expressa referencia o conselheiro José Feliciano de Castilho e o Dr. Robinet nos opusculos: O CASAMENTO DE S. A. I. A SRA. PRINCEZA D. IZABEL COM S. A. R. O SR. INFANTE D. LUIZ, PRIMEIRO DUQUE DO PORTO (Veja DIC. BIBL. PORT., tomo IV — pag. 318) — Rio de Janeiro, 1859, e LE POSITIVISME ET M. LITTRE — Paris, 1881.

Escreve o primeiro, pag. 19:

«Muitos com Virgilio e Beaumarchais nos têm ensinado como essas invenções nascem e depois se alam a vagas atoardas.»

Escreve o segundo, pag. 31:

«Para que lembrar tristes memorias, ponderamos antes de lançarmos mão da penna; para que reavivar chagas prestes a cicatrização?

Para que?

A' interrogação responde o Dr. Robinet applicando a um dos maiores philosophos da França o que de um vulto notavel da historia politica daquelle paiz escreveu um *critique honorable*.

(Castagnary — DANTON ET LA POLITIQUE CONTEMPORAINE — SIÈCLE, 26 AVRIL 1887).

E o Dr. Robinet accrescenta:

(textual) «Redoutable puissance de la calumnie! Comme on est jeune et genereux, qu'on vit au grand jour, sous les yeux de tous, on lui laisse toute licence d'agir. On se croit audessus de ces «bruits legers» dont parle Beaumarchais, qui commencent par raser timidement le sol, et finissent par éclater comme un tonnerre...»

Vêu aqui de molde as seguintes palavras de um discurso de Rodrigo da Fonseca Magalhães, na camara dos pares em 1848.

«E depois disto é duro ouvir clamar que estou vendendo aos interesses de Inglaterra; mais ainda — que recebo uma pensão de governo inglez! Sr. presidente, imputações taes são a vergonha de quem as faz. Se esta fosse verdadeira, ordenaria a ineu filho que não se deshonrasse chamando-me seu pae; teria perdido a qualidade de cidadão portuguez; iria esconder-me dos homens, longe da patria que trahira. Aqui não ha escrupulo em calumniar; o fim é calumniar.»

Ainda ha pouco — talvez hontem — se repetiu que eu, para ser ministro, aconselhára o desembarque de seis mil inglezes; indigna falsidade!

É outra calumnia atroz! Quando assim fallo, bem sei que minha voz chegará sonda e sabe que digo a pura verdade.»

(EXTR. DA SELECTA CLASSICA DE PROSADORES PORTUGUEZES por Antonio Peixoto do Amaral — Sexta Parte — pag. 342.

Tambem Mendes Leal, quando ministro da marinha, em discurso na sessão de 7 de Maio de 1864, da camara dos deputados, em Portugal, disse :

« Aquelle ecclesiastico, virtuoso e honrado, (Referia-se a seu tio, o desembargador e vigario de Santa Maria de Loures, Francisco de Borja Ferreira) a quem tanto devo, porque lhe devo os principios de justiça pelos quaes procuro aferir as minhas opiniões e os meus actos; aquelle honrado ecclesiastico ensinou-me que era a diffamação arma defeza, a calumnia—abominavel peccado.» (REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL — tomo IV, pag. 40 41.)

Leiam-se tambem, com relação ao assumpto a que ha sido consagrada a presente Nota, os versos *Se laisser calomnier*, pag. 43—44, nos QUATRE VENTS DE L'ESPRIT (Paris, 1881)

Eis os alexandrinos de Victor Hugo, *cette figure colossale qui parait être, aux yeux de la foule, la plus grande du siècle*, na pbrase de Emile Zola :

(Vej. DOCUMENTS LITTÉRAIRES—*Etudes et Portraits*, pag. 49—Paris, 1881.)

Se laisser calomnier

« Quoi, frère, tu frémis parce qu'on te déchire !
Tu ne connais donc pas la force du sourire !
Quand tu te vois honni, hùé, sifflé, raillé,
Par de faquins à l'âme obscure, du non souillé,
Qui firent cent métiers et jouèrent cent rôles,
Tu prends trop de souci des choses que nos drôles
Disent de toi. Ton front s'assombrit ; tu l'âmeus
Des sottises d'un tas de cuisiers venimeux.

Regarde moi—Je suis seul, debout, sur la scene,
On m'insulte, je ris de leur rage malaine
Et je vais ! car non cœur dans cet àpre chémin
Sent aujourd'hui l'honneur et la gloire demain

Leiam-se ainda em WILLIAM SHAKESPEARE por Victor Hugo o capitulo *Zoile aussi éternel qu'Homère* (pag. 224—225) estas palavras :
textual) « Tout peut s'écrire. Le papier est un grand patient.

On complète l'appréciation du philosophe, de l'artiste ou du poète, par le portrait de l'homme.

Byron a tué son tailleur. Molière a épousé sa fille.

Diderot était libertin ; Voltaire était avare ; Milton était venal.

Qui raconte ces histoires ? Cette bonne personne, votre vieille complaisante, ô tyrans, votre vieille camarade, ô traitres, votre vieille auxiliaire, ô devots, votre vieille consolatrice, ô imbéciles, la calomnie. »

Leam-se finalmente nas BRASILIANAS por M. de Araujo Porto Alegre.

As almas dos parvos são vasos porosos,
Aonde a calumnia seu fel deposita ;
Tressuam veneno que a serpe maldita
Sinhuda infiltraava com gestos manhosos.

O mal se acredita, veloz se diffunde,
Veloz como o raio ; é planta que cresce !

É um monstro, estou vendo-o, que vae gemebundo
Lamber o cadaver que ha pouco immolára ?

(A Calumnia, pag. 324—325)

G. BELLEGARDE.

A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM CINCO ACTOS

DE

MARCO ACCIO PLAUTO

Com o complemento de Urceu, o grammatico

Traduzida em versos portuguezes

PELO

Barão de Paranapiacaba

PROLOGO

O Deus Lar

Para que não se estranhe o achar-me aqui presente, Eu vou dizer quem sou succinta e brevemente. Da casa, cujo umbral acabo de despor, Eu sou o Deus do lar, o Nume guardador. Muitos annos já faz que em toda esta familia Exerço protectora e perennal vigilia ; Sou Deus familiar de quem hoje alli mora, Como fui de seu pae e avô paterno outr'ora. O avô me confiou a guarda de um thesouro, Que ninguem descobriu — marmita cheia de ouro. Numa cova a enterrou, no centro do fogão, Entregando-a, em seguida, á minha protecção. E nem quando morreu (tal foi sua avareza!) Disse ao filho onde estava occulta essa riqueza. Achou melhor deixal-o a braços co'a indigencia, Conservando o segredo á esteril opulencia. Herdou terras o filho — algumas poucas braças, Que com insano nfan colheitas muito escassas Davam para viver mui parcamente ao dono. Quando se foi dormir o derradeiro somno Quem me fez guardador do tal thesouro occulto, Quiz ver ai o filho seu mostrava no meu culto Mais fervor do que o pae. Mas qual ! O culto meu Foi de mal a peor ; o filho me esqueceu. Por isso o castiguei. Morreu aem ter sabido Que tinha dentro em casa um thesouro escondido. Hoje seu filho e berdeiro aquella casa habita ; Elle a seu pae e avô em tudo segue e imita. Uma só filha tem, que, pia, me offerece Vinho, incenso e outros dons, em fervorosa prece, E corôas depõe no meu singelo altar. Vendo que ella restaura o culto ao Deus do lar, Consenti que seu pae, o sordido Euclião, Descobrisse o thesouro occulto no fogão. Em dote convertido o ouro do avarento Ha de facilitar da moça o casamento. Nobre joven roubou-lbe a candida innocencia ; A moça não conhece o autor da violencia ; Elle conhece-a bem. De nada sabe o pae. E o velho, que reside aqui visinho, vae Ao mofino do pae da filha a mão pedir. Megadoro, o ancião que á moça quer se unir, E' tio do rapaz, que a flôr da castidade Roubou nas *Cereaes* á juvenil lealdade... A minha previdencia approximal-os quer, Para que o moço tenha a bella por mulher. Mas ouço d'Euclião a useira matizada Para expellir de casa a pobre da creada ; Empurra para fóra a velha, pois tem medo Que, ella dentro de casa, avente o seu segredo. Vae sósinhe ao fogão, pois quer ficar tranquillo Sobre a guarda fiel do mystico sigillo.

(Continúa)

Lexicographia Brasileira

BACUARA E BABACUARA (*)

Bacuara experto, diligente, sabido (Beaur. Rob.) ; o contrario de *babacuara* toleirão, apascaçado ; roceiro, matuto.

Ambos os vocabulos são popularea, e ambos são brazia. Compõe-se o primeiro do tupi-guarani *mbaé* coisa, em geral, lat. *res* + *cuaé* saber + *ara* afixo do participio activo agente : o que tem o saber das coisas. Compõe-se o segundo de *mbaebé* nada *cuaara* aabedor. *Bacuara* é, pois, o *sabe-tudo* ; *babacuara*, o *nadasabe*.

O autor aupracitado approxima *babacuara* do port. *babão*, ant. *baboca*, *baboso* tolo, boca-aberta ou boquiaberto, que anda babando. Ha, com effeito, no grego, no baixo-latim e em todas as linguas que d'elle descendem, e bem assim nas linguas germanicas, a raiz *bab* criança, e por metaphora, simples, simplorio, tolo. *Baba* saliva que escorre, e seos compostos ; isl. *bab* ; din. *bable* ; ingl. *to babble* ; holl. *babbelen* ; all. *babbeln* ; fr. *babil* e seos compostos ; b. lat. *babiger*, *babillio*, *babosus*, *babugus* tolo, *babuynus* especie de macaco, *babulus* dimin. de *babus*, *baburcus*, *baburrus* ; prov. *babú* som inarticulado daa crianças e seoa compostos ; *babau* tolo, *babi* criança, *ba biola* brinquedo da criança, *bava* saliva e seos compostos *barous* e outros ; ital. *babalone* credulo, *baba* e seos compostos ; hisp. e port. *baba*, *babão*, *babão*, *baboso* ; celt. *bab* criança ; gr. *babai* ! interj. de espanto.

Mas, a segunda parte *cuaara* de *babacuara* está mostrando que esta palavra brasileira não é formada sobre aquella raiz das linguas europeas ; mas sim sobre o substantivo tupi-guarany *mbaé* coisa.

A etymologia que ligar *babacuara* á raiz indo-germanica *bab* criança será mais um exemplo da lei da *intercorrenzia* tão frequente nas corrupções operadas pelos eruditos.

A. J. DE MACEDO SOARES.

* Extracto do Dicc. Bras. da Ling. Portug., inedito.

CÃES...

Vi no centro da rua, na cidade, um pobre cão apodrecido e morto, o olbar vidrado, vagamente absorto, do espaço azul fitando a claridade.

Sobre a bocca convulsa numa funda contracção de agonia dolorosa enxameava a multidão ruidosa das moscas verde — negras, nauseabunda !

E em torno as galas ! o frou-frou das setas ! a Miséria ostentando-se vaidosa ! E cad'alma encerrada na enganosa prisão de vis hypocrisias lédas !

O' vermis illusões da humana raça ! volitae, volitae na nossa mente e ninguem junto a nós, passando, sente que nos roeis a tábida carcassa !

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

O ALUFÁ

SABEDORIA E MYSTERIO

A mão suprema corria no Oriente as cortinas vaporosas de purpura e ouro ao magestoso e brilhante astro que derrama essa luz immensa e bella que se chama — dia!

Um cantico harmonioso se elevára da terra aos céus; a vasta natureza accordava nos braços da alegria.

Triste e pensativa, uma mulher preta, subia a encosta da montanha de Santa Thereza e se encaminhava para a pobre choupana meia escondida na ramagem do bosque.

Era Evelina que procurava a cabana do Alufá.

Um fio de agua crystallina atravessava pelo meio de relvas e flôres o selvagem jardim de uma rude choupana.

Deve-se Evelina á vista de um homem de sua côr, que regava as plantações meias agrestes, e cuidava de animaes mal domesticados, arrancados ás suas habitações bravias.

O negro cumprimentou-a e fez lhe signal para que entrasse.

Veio Evelina pousar num tosco banco de páu, junto delle que sentou-se no chão, com os joelhos unidos e um tanto alçados.

— Já sei, disse elle, que me busca para consultar.

— Sim, respondeu ella, venho vér o grande Alufá.

— Grande é só Deus, atalhou o preto, e eu sou apenas um de seus humildes servos, mas que deseja?

— Saber de meu filbo.

E o negro ouviu a sua narração historica.

Depois de concluida, limpou Evelina os olhos, humedecidos de lagrimas. O Alufá que a ouvira silenciosamente suspirou enxugando tambem as faces orvalhadas de pranto.

— Filha, ajuntou elle, o bem que recebemos vem de Deus, o mal vem de nós. Tem elles por origem os nossos peccados, e os que trabalham no peccado serão retribuidos segundo os seus ganhos. Implora o perdão de Deus, porque elle é indulgente e misericordioso.

Evelina estendeu a mão para a cidade que se desdobrava a seus olhos em magnifico e luxuriante panorama e accrescentou:

— Alli está meu filbo, mas aonde, Alufá.

— Deus, respondeu elle, coaece o que se manifesta e o que se occulta. E' o grande, é o sabio, é o todo poderoso. Quanto ao meu nome, diga antes Ocoché, como me chamava na minha terra, ou Gabriel, como me apellidam aqui.

— E Alufá?

— E' uma qualificação e vale tanto como se dissesse—o padre.

— E que farei, Ocoché, para saber aonde está meu filbo.

— Pergunta a quem o sabe—Deus. Só Elle, afirma o propheta, tem as chaves dos mysterios e só Elle os conhece. Só Elle vé o que está sobre a terra e o que está no fundo dos mares. Acredite, não cae uma folha, ou uma palha, não se move um grão de areia, não se desliza uma gotta de orvalho que não seja tudo escripto no livro evidente, o prototypo do koran, conservado no céu. Deus é grande.

Foi elle quem ergueu os céus sem columnas visiveis e sentou-se sobre seu

throno. Creou o sol e a lua e todos os astros e os submetteu a determinado curso.

E' Elle quem a tudo imprime movimento e ordem e faz vér distinctamente as suas maravilhas.

Foi Elle quem espalmou a terra, empolou os montes, eutornou os rios, e estabeleceu as producções da natureza.

E' Elle quem ordena á noite que envolva o dia nas suas trevas e ao dia que envolva a noite em seu manto de luz. Elle é o sabio.

E' Elle quem faz brilhar o relampo que inspira terror e esperanza, e quem levanta as nuvens carregadas de chuva.

O trovão celebra os seus louvores e os anjos o glorificam penetrados de espanto.

Deante d'Elle se prosterna tudo quanto está no céu e na terra; os animaes como os anjos tambem se despojam de seu orgulho.

Gloria a Deus! Os sete céus e tudo quanto elles contém, e a terra e o mar celebram o seu poder. Elle é omnipotente.»

Estava Evelina admirada da linguagem do sacerdote.

Era um hymno que resoava de seus labios em quanto de seus olhos se irradiava o enthusiasmo.

Era a primeira vez que um homem—branco ou negro—lhe fallava assim.

— Pois bem, disse ella, indique-me como poderei saber de Deus aonde pára meu filbo?

O Alufá meneou a cabeça e apoiou-a sobre os seus joelhos, e conservou-se silencioso como si dormisse.

— Ocoché desperta, bradou ella; responde-me, ensina-me o que devo olhar. Eu sei que és um grande feiticeiro.

O Alufá ergueu a cabeça e riu-se.

— Por tua gloria sabhanaka. (*) Está enganada. Pensou assim e por tal me tem, mas isso é cegueira. A sciencia não pertence sómente aos brancos. Deus é liberal e reparte com quemquer, sem olhar para a côr de ninguém. Elle é o senhor todo poderoso. Magico foi Salomão que dirigia os ventos e movia as ondas, mas não foi elle o infiel; infieis são os demonios; assim o diz o propheta em nome de Deus.

— E invocas os demonios?

— Para que? Satan é o inimigo declarado do genero humano.

— E os anjos?

— «Todos nós temos os nossos anjos que se succedem sem cessar e que nos rodeam. Velam sobre nós por ordem do Senhor.

Deus não muda o que concede aos homens, contanto que elles não sejam os primeiros a mudar.

O homem não tem outro protector sinão Elle.»

— E aonde e com quem aprendeste essa linguagem que tanto me encanta?

O Alufá suspirou tristemente e levantou-se.

— Mulher, exclamou elle, a sua educação foi feita segundo a lei de Jesus Christo e por isso estranhará as minhas palavras. Eu sou musulmano.

Venha comigo, entre nesta pobre, mas innocente choupana; quero mostrar-lhe o meu livro, o livro da minha lei.

Penetrou Ocoché na sua choupana. Evelina, depois de lançar rapido olhar, cheio de esperanza sobre a magnifica cidade do Rio de Janeiro, que tinha a seus pés, seguiu os passos do Alufá.

J. NORBERTO DE S. S.

(*) Expressão empregada contra opinião errônea ou uma blasfêmia.

FOSSILISAÇÃO

Não sei que estrauho fluido se me entorna em cada nervo, em cada fibra, quando em meu cerebro pesa a noite morna de teu olhar diabolico e nefando!

Si o qualifico assim é que, o amando pela luz diamantina que o exorna, é elle o meu algoz mais temerando que o pensamento prende e m'o transtorna.

Meu tumulo será—findo o trajecto...
E meu nome ha de ser perpetuado nesse raio de luz tão predilecto,

— como o fossil terciario, immaculado, de um eyterno, pequenino insecto no ambar transparente eternizado.

HORACIO DE CARVALHO.

S. Paulo.

O combate de S. José do Norte

(GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL)

(Conclusão)

A situação dos defensores era extraordinariamente precaria.

A lucta no quartel já durava havia uma hora; a força experimentára grandes perdas na retirada e na defesa, achando-se a tropa reduzida, a ponto de não poder guarnecer convenientemente os quatro lados do quartel. O commandante da praça, coronel Soares de Paiva, então já ferido em uma perna fez conhecer de visu ao official de marinha as circumstancias em que se achava; communicou-lhe a tomada de toda a villa pelos republicanos; a difficuldade que tinha em repellar o inimigo que, armado de machados, procurava arrombar as portas do quartel, queixando-se principalmente, dos estragos que lhe produzia o fogo de fusilaria partido de uma casa fronteira, que era a escola publica, nessa occasião transformada pelos republicanos em lormidavel ponto strategico.

Do quartel faziam fogo pelas portas e janellas gradeadas, e, retiradas as telhas, pela cimalha, por meio de um andaime interno.

Ficou convencionado que a tropa guarneceria apenas a frente do quartel ficando a cargo do lanchão as tres faces restantes.

Para que bem se possa conhecer a situação dos combatentes, faz-se necessaria uma breve descripção do logar.

O edificio do quartel, que seguramente ainda existe, era um barracão situado á beira mar; nos flancos existiam dois largos ou terrenos desoccupados; a face anterior ou frente dava tambem para um terreno desoccupado, onde apenas havia uma casa, a da escola publica.

Tratava-se, primeiro que tudo, de desalojar o inimigo da casa fronteira, e nesse intuito, foi o lanchão collocar-se em posição, donde, obliquamente, sem offender o quartel, pudesse bombardear a habitação.

A escuridão da noite não deixava distinguir coisa alguma, aendo as pon-

tarias feitas pelo fugitivo clarão das descargas que saham da casa.

Depois de algum tempo de bombardeio, o desmantelamento successivo da fragil habitação, e, principalmente o arrombamento da porta por uma bala de caibão que deixou a descoberto o refugio inimigo, determinou o abandono da posição que, desde os primeiros tiros, se havia tornado insustentavel.

O apparecimento da força maritima não podia deixar de causar graves apprehensões aos republicanos, achando-se o combate travado á beira mar, onde a intervenção da marinha tinha influencia decisiva.

Assim o entenderam os chefes republicanos, e, procurando tirar vantagens da unica circumstancia que os favorecia, a escuridão da noite, levaram ataques desesperados e reiterados a todos os pontos do quartel.

A metralha da embarcação, porém, varria os lados do edificio, obrigando o inimigo a procurar refugio nas ruas transversaes da povoação.

Na metade ultima do combate, o inimigo procurava evitar, quanto possivel, expôr-se a peito descoberto aos fogos do lanchão.

Nas pequenas occasiões de calma que succedia a esses ataques ao quartel, para de algum modo obstar o arrombamento das casas que a soldadesca disidente praticava, o lanchão ia postar-se fronteiro ás duas unicas ruas então existentes que desembocavam no mar, e dahi metralhava a turba inimiga (1).

(1) Refere Garibaldi que uma parte da força republicana, ao entrar na villa, dispersára-se, entregando-se á embriaguez e ao saque; o facto é verdadeiro e manifestou-se durante toda a noite, e mesmo, findo o combate, ainda depois do toque de retirada, foram aprisionados ou mortos, nas casas, soldados disidentes, procurando fugir com o producto do saque. O Sr. Antonio Pedro de Carvalho, nessa época capitão de fragata e inspector do arsenal da cidade do Rio Grande, pretendia contestar esse ponto, no *Correio Mercantil* em 1860; mas, ao referido official, que aliás nada tinha com a força naval sob o commando do chefe Greenfell, faltava competencia para isso, não tendo assistido ao combate e só podendo fallar no assumpto por ouvir dizer. A verdade é o que consta da narração de Garibaldi.

Já havia duas horas que o lanchão desempenhava essa sangrenta tarefa; a tempestade amainara um pouco; nessa occasião chegou ao lanchão, em um escaler com quatro homens, o segundo tenente Pedro Garcia da Cunha, que, partindo da cidade do Rio Grande, vinha collocar-se ás ordens do capitão-tenente Gama Roza.

Referiu o segundo-tenente Pedro Garcia haver desembarcado nos fundos do quartel o tenente-coronel Jovita e alguns cunhetes.

Não sendo necessario a bordo do lanchão, foi dada a esse official a commissão de recolher no seu escaler, ao longo da praia, soldados extraviados que se sabiam existir, por outros que tinham vindo para o lanchão.

O fogo do mar era tão continuado, e surgia pelos movimentos rapidos da embarcação, impellida á vara, em tantos pontos diversos da villa, que Garibaldi acreditou haver tomado parte na acção muitos navios da esquadra. Eis as suas palavras:

« O inimigo, pelo seu lado, não perdia o tempo; muitos navios de guerra, que se achavam no porto, tomaram posição, varrendo com o fogo dos seus canhões as ruas onde nos achavamos. Pediram soccorro ao Rio Grande, cidade situada na margem opposta da embocadura da Lagôa dos Patos, emquanto um unico forte (o quartel), que havíamos desprezado, servia de refugio ao inimigo.»

A verdade, porém, que o herôe italiano não pôde nesse noite caliginosa conhecer, e muito menos depois da retirada, é que esse lanchão foi o unico navio que tomou parte e decidiu do combate: « varrendo justamente, como elle diz, com o fogo dos seus canhões (era um só canhão), as ruas onde nos achavamos.»

O unico navio de guerra, então existente no porto de S. José do Norte, era o brigue-escuna *Andorinha*, ao qual a tempestade impedia qualquer manobra, podendo apenas sustentar-se, fundeado com dois ferros, longe do logar da acção, em frente ao Cascalho, onde forçadamente conservou-se durante todo o tempo do combate. (2)

O seu calado, aliás, tornaria a sua intervenção inutil, impedindo-lhe a approximação de terra. De longe, em taes condições, os tiros sobre a villa só iriam prejudicar as casas onde se achavam as familias legaes.

Nesta ingente luta passou-se toda a noite; e, ás cinco horas da madrugada, chegou á porta dos fundos do quartel o major Antonio Maria Gomes, noticiando que os republicanos procuravam arrombar a Alfandega, edificio situado a cerca de cem braças do quartel, o que importaria, além de tudo, numa deshonra, a perda da bandeira do batalhão, que lá se achava guardada.

Para realizar um plano que surtiu muito effeito e que o commandante do lanchão tinha em vista, foram-lhe concedidas 25 praças, commandadas pelo cadete Rosauro, ainda até ha pouco tempo existente, cego e reformado no posto de tenente.

O plano consistiu no seguinte: a peça metralhava e inimigo, ao mesmo tempo

(2) Era commandante desse brigue-escuna o capitão-tenente Romano que tendo ido com um piloto e um soldado buscar a familia na villa, já tomada pelo inimigo, desapareceram todos, não se sabendo jégams o fim que levaram, calculando-se que houvessem sido mortos e atirados ao rio, sahindo os cadaveres barra fóra.

que o piquete e a tripolação do lanchão faziam fogo de fuzilaria, e, aproveitando a desordem e morticínio produzidos entre os dissidentes, o piquete carregava immediatamente á bayoneta até a primeira rua transversal, retirando-se, ao ser acossado pelo inimigo, para dentro d'agua, ao abrigo do lanchão, reconhecendo a mesma manobra após novas descargas.

O inimigo, destemido e brioso, persistia, apesar das perdas enormes que experimentava, alastrando as ruas de cadaveres e feridos, e, sómente ao romper do dia, ás nove horas da manhã (era no inverno), cessando o ataque, distinguiu-se do alto do mastro de lanchão as forças inimigas sahindo da villa, obvindose em seguida o toque de retirada do general republicano.

O fogo foi tão nutrido, durante toda a noite, que o pellourinho, um poste, isolado, que existia no meio da praça, ficou completamente privado de ballas,

Depois das aclamações e hymnos com que se celebra a victoria formou-se a guardião vencedora; apenas restavam cerca de 250 praças das 599 com que se começara o combate. As praças que faltavam haviam sido mortas, feridas, prisioneiras, ou, por extraviadas, não haviam tomado parte na acção.

Neste combate succumbiram officiaes de muito merecimento entre outros, o tenente-coronel Jovita, o capitão Pimentel e o intrepido capitão Xavier.

Segundo as relações officiaes as perdas experimentadas pelos legaes foram de 72 mortos, 87 feridos e 84 prisioneiros, ao todo 243 homens fóra do combate. Não vem ahi mencionados os extraviados que eram em grande numero.

Os republicanos tiveram: 181 mortos 150 feridos e 18 prisioneiros, ao todo 349 homens fóra do combate.

Por esta estatística, que é inferior á realidade, se pôde approximadamente aquilatar o porfiado da luta durante nove horas.

Como é sabido, o governo central, em virtude desse combate, deu o titulo de *heroica* á villa de S. José do Norte, condecorando com o habito do Cruzeiro a bandeira do batalhão cuja ala assistira ao ataque.

O combate de S. José do Norte é um dos mais sangrentos de toda a guerra da republica rio-grandense.

Ficam assim explicadas a narração de Garibaldi e as succintas palavras do *Diccionario historico e geographico do Rio Grande do Sul*, sobre o combate de S. José do Norte.

DR. GAMA ROZA.

SCENAS POPULARES

O CASAMENTO

Cahia o sol já bastante
Para as bandas do occidente,
E a brisa fresca da tarde
Correndo vem do nascente.
A eombr. já nas calçadas
Das ruas mal alinhadas
Passára os *frades de pau*;
Um templo nem bom, nem máu,
De santas habitação,
Sobre um outeiro s'erguia,
Dos padres da companhia
Tinh'elle cunho e feição.

Era uma viella do centro
Em tudo ás outras igual,
Tinha matriz e vigario
E uma mesa eleitoral.

Juiz de paz, delegado,
Um professor atrazado,
Mas bom cabo de eleição.
Viviam sem presumpção,
Mas isso só no trajar.
Tamanco aos pés, e camisa,
Ceroulas na pelle lisa
Nas ruas a passear.

No domingo, ou dia santo
Tinha a villa outra feição;
De vér a Deus tinha trujes
Ou paletot ou gibão.
E a eertaneja enfeitada
Com sua saia listada,
Amarellas *baronezas*
Nas grandes orelhas prezas
Em baixo do seu lençol,
Sapatos d'entrada baixa
Guardados dentro da caixa
Só viam domingo o sol.

Era a tarde, a luz do dia
Já não tem tanto valor,
Do astro que nos dá vida
Sentimos menos calor.
E' dia santificado,
Mas o povo alvorçado
Espera pelo momento
Da vinda d'um casamento.
Na sacristia sentado
Já de rouquete o vigario
Resando o seu breviario
Espera pelo noivado.

Eil-o, lá vem seu, vigario,
Diz contente o sacristão,
E além descendo a encosta
Já se vê a procissão.
A noiva vem adiante
Em seu cavallo possante
Russo *pedrez* a equipar.
E coisa bem singular
A côr azul do vestido
Faz um contraste profundo
Com o verde gaio, jocundo
Do diadema florido.

E num *mellado cachito*,
O noivo vem folgazão,
Sua casaca é antiga
Mas não do tempo de Adão.
Chapéu do Chile cop'alta,
Collete que não tem falta
De pintados *potriões*,
Nos *dedos* tres anelões
Correntão d'ouro e de prata,
Borzeguins de sola e vira,
Calças traz de casemira
De seda verde gravata.

Seguiam atraz os padrinhos,
Dois velhos de estimação;
Um cavalgava um *castanho*,
Montava o outro um *cardão*.
E as suas donas madrinhas
Vão nas garupas, mocinhas
Parcem, quem tal diria!
Das malas de prsgeria
Tiraram traje melbor.
Vestidas de *chalm* roxo,
De *Toquim* chale ao pescoço,
D'ouro cordão o maior.

Depois dos pares de velhos
Iam os moços do logar
Cada qual mais presumido
De saber mais cavalgar.
Cavallos bem enfreados
Vão marchando *mcapotados*
Ao toque d'aguda espóra.
E velhos, moços agora
Contentes vão apostar.
Querem vér o mais brioso,
O cavallo mais fogoso
Qu'os outros hade passar.

— Um garrote d'anno e meio
Mais de prata um patacão,
Gritou o Chico Feruandes;
Quem passar men *alazão*.

— Eu pego, disse o Vianna,
Que vinha esprto de *canna*
Um pouco atraz num *zambeta*.
— Sim, senhor, do *carrapeta*
Quero vér a opinião.
Seguir deixaram o noivado,
Depois um bom *equipado*
Foram. Perleu o *alazão*.

Chegados todos que foram
Do templo no patamar
Os padrinhos se apeiaram
Para a noiva desmontar.
Sahiu risenho o vigario,
Guardando o seu breviario,
Os noivos vem receber.
Tantas honras a fazer,
Aos nubentes tanto amor!
Ou era por delicado,
Ou então por avisado
Dar ao acto mais valor.

Paramentado o vigario
Ouviu dos noivos o «sim»,
Deu o nó muito bem dado,
Rezou depois em latin.
Inda os nubentes suados,
Mesmo assim foram molhados
D'agua benta. O sacramento
Se concluiu. Um momento
Gastaram em perguntar
Quem *amarello* no acto
Tinha ficado, de facto
Morria, deixava o logar.

Montemos, vamos smbra
Disse o mais velho padrinho,
Depois quem mão do vigario
Deixou um verde *saquinho*.
Montou-se o noivo. De chita
Coberta pois mui bonita
Nas ancas de seu cavallo.
— Monta a noiva *Zé Gonçallo*.
— Trabalho não tenha, não.
E o noivo com mão segura
Da noiva a grossa cintura
Abrace, monta-a e lá vão.

Partiu veloz como a flecha
O mui fogoso corcel,
No chão as patas batiam
Num compassado tropsl.
Um viva aos noivos, é dado
Por cem vozes, é levado
Lá pelos cerrros de além.
Nãõ fica alli mais ninguem.
E' mui veloz a carreira.
Na marca não ha demora,
Fere os cavallos a espóra
Quer subam ou desçam ladeira.

— Vamos, quem fór cavalheiro
Que tire ao noivo o chapéu.
— Alto, partamos a um tempo,
De quem será o trophéu?
Depois de terem parado,
A um signal, que foi dado
Pelo padrinho *Zé Lope*,
Partem veloz a galope,
Vão elles quasi á voar.
Em menos foi d'um minuto
Viu-se o chapéu do *matuto*
Um dos convivas tirar.

Aos noivos, vivas bradaram
E a quem tirou-lhe o chapéu.
Cada qual mais s'esforçava
P'ra mostrar o echo seu.
Pelos ares sacudido
Andou o *Chile*, cahido
Muitas vezes foi ao chão.
Era dever, atenção
E prova de primasia.
Quantas vezes mais tirado
Fosse o chapéu, mais provado
Tinham sua cortezia.

O caminho era mui longo
Seis léguas tinham qu'andar.
E foram o chapéu do noivo
Ora a hotar e a tirar.

Chegam a noite já tarde.
Da fazenda ao pateo arde
De pé d'arco uma fogueira.
Todo o povo da ribeira
Tinha vindo p'ra função.
Os noivos os paes beijaram,
As violas soluçaram,
Correu vinho até no chão.

Ceará.

R. THEOPHILO.

A HÉCTICA

A IZIDORO MARTINS JUNIOR

Ella costumava tomar leite todas as manhãs e dar um passeio curto.

Eu a via passar muito pallida, de uma fragilidade de vidro, vagarosa e offegante, com aquelle ar indifferente e desolado das molestias chronicas, que sugam pausadamente, sorrateiramente a vida. Tinba o olhar languido, frio e saudoso das pessoas exaustas, perdidas, que se sentem desmoronar aos poucos.

Trazia sempre um *water-proof* azul, de laço atraz, que deixava npenas a barra do vestido de fóra, pondo grandes prégas de largura pela estreiteza ossuda e deformada das costas.

O pae, um velho magro, de physionomia agradável e respeitosa, ainda erecto de robustez, brancurizado pelos annos, o ar *gentleman*, dáva-lhe com segurança o braço e a envolvia, muito carinhoso, em umas animações tão convencidas e tão consoladoras, verbalizadas á voz forte, que ella chegava a sentir, por momentos, alagar-lhe o coração ondas de saudade, de envolta com aquellas palavras!

Achava-se até melhor, mais rija, naquella grande esperança que acompanhava intimamente os tísicos, e vinham-lhe sorrisos rapidos, que lhe faziam contrahir levemente os labios desmaiados, deixando a descoberto a claridade alinhada dos dentes sãos; fitava o velho com aegria, com ternura: era a sua saude.

Mas, logo depois, o nervosismo, o hysteresmo fazia-a cabir numa nostalgia funda, de todas as horas, num presentimento vago e fatal de tumulo proximo; e, então, chorava muito e apparecia-lhe com mais violencia, uma tosse secca e tilintante, acompanhada de ruidos soturnos na caverna do peito e borbotões quentes de sangue vivo.

Uma manhã, deixou de dar o seu passeio costumado.

O azul estava fresco e scintillante, alastrado de luz, cbeio de aromas e cantos, cortado da alegria da terra.

O sol surgia claro e magnifico, confortador e bom.

Passei todo o dia com a imaginação cheia da lembrança della, preocupado, temerose, na incerteza do que lhe teria acontecido.

A tarde, um tropel de gente, no ruido discreto e pacato de uma rua provinciana, fez-me chegar apressadamente á janella.

Era ella, a triste e mimosa creatura que eu via passar todas as manhãs, e que partia ngora para além, no seu estreito caixão azul, e que nunca mais, nunca mais voltaria!...

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

DIA 28 DE AGOSTO

A CONFUCIO

Presinto a morte em breve e por ti só lastimo,
Filho de meu affecto, nininho de meu lar,
Tu a quem eu na vida amo, idolatro e estimo
E que sem mim terás mil fezes a sugar.

E tu que tens então uma alma alegre, um mimo,
Igual ao colibri n'um prado a esvoçar,
Que pois será de ti sem paternal arrimo
Sem ter quem lhe releve o meigo doudejar?!...

Não temo que te falte o pão do corpo — temo
Que busquem soffrear de chofre o livre adejo
E abafem de tua alma a vivida expansão...

E então do alegre infante... Oh! só em pensar tremo!
Transformem-te, Confucio, em homem realejo
Sem ter idéa propria — alheio á inspiração

ANGELO DE S. PRAY.

O BANCO DE CORAL

(HEREDIA)

A OCTAVIO FALCÃO

Sobre as vagas o sol — mysteriosa aurora —
Illumina a montanha immensa de coraes,
A floresta sem fim de estranhos vegetaes,
Os monstros do oceano — a esplendente flora...

E tudo aquillo o que o iodo e o sal colora
As algas, as anémonas, os musgos radiosos...
E, rendilhados faz, em traços sumptuosos
No fundo porejante da branca madrepora.

Brilhando a morna luz o esmalte das escamas
Dos antros vegetaes, por entre as verdes ramias
Em curvas, indolente, um peixe enorme passa...

E, electrico, riçando a luminosa espalda,
Subito, no crystal com a barbatana traça
Um relampago d'ouro, o nacar, e esmeralda.

ALVARO MARTINS.

A MULHER

(A POETISA D. JULIA LOPES)

Dens concentrou tudo quanto ha de grande e sublime na mulher e formou-a um dos focos mais brilhantes que respande em sua fronte omnipotente.

Deu-lhe a graça, a candura de virgem, a bondade de mãe! Circundou-a com a sua luz divina, inundou-a no oceano da sua graça, tornou-a o centro da humanidade assim como o astro-rei o é dos planetas.

Nós somos fortes, grandes, sabios, entretanto basta uma palavra, um sorriso, um olhar da mulher para nos elevar ao apogeu da gloria ou arrastar-nos ao lodajal da infamia.

Perguntae a Cesar. Annibal Marco Antonio e Bonaparte, esses caudilhes antigos e modernos da humanidade que não temiam nem o céu, o que fel-os curvar, muitas vezes, a fronte orgulhosa e tornarem-se debéis como o vime que a briaa dobra.

Perguntae a Homero, Platão, Ossian, esses grandes genios do passado, porque se elevaram tanto e por quem? A Byron o que o fazia vagar pela Europa, perlustrando as ruinas dessa

Grecia gloriosa, procurando esquecer, nos labios e braços das mulheres que deparava, a sua lady Chaworth, sempre sceptico, devasso, idemente como o seu D. Juan. A Chatterton e Jacopo Ortiz, o que fez-lhes abysmar uma existencia tão bella nas trevas do tumulo.

A Bocage, Werner e Marlouce o que os obrigava a vagar pela tabernas, tombar pela embriaguez do alcouce, e profanar suas fontes excelsas na devassidão da crapula a mais immunda! Elles responderão:

— «A mulher! sempre a mulher!»
Ora, si ella, apezar do christianismo pol-a num dos vertices do seu triangulo terrestre, tem-se conservado escrava; si ella, a quem negamos a instrucção assim como a liberdade politica, forma a parte mais poetica, sublimada e perfeita da humanidade; si tem emancipado uma nação, como Stowe o fez, creado uma Escola como Sand, sublimado a arte como Sarah Bernhardt; si apezar do pequeno circulo em que o encerramos ella ergue-se heroína gigante nos fastos da historia, que será nos seculos vindouros em que o espirito humano sempre perfectivel ha de outorgar-lhe parte do mando a que tem direito?
«Ella é fraca dirão.»

Tambem o Christo o era e a sua voz humilde conquistou nações.

— «Não pôde empunhar a espada.»
Não importa! Caninhamos para o progresso... para a luz!

Temos a imprensa para reproduzir o pensamento, a intelligencia para defendermo-nos; a força o um direito estúpido! Não precisamos da espada... não precisamos do canhão!...

Deixae a Juvenal e Boileau com as suas satyras, esses miserimos em cuja frente, como na de Mephistopheles, Margarida lería o anathema terrível:

— Não poder amar!

Deixae esses ingratos morrerem sedentos de inveja, olvidando que tudo quanto somos e formos devemos á mulher esposa e á mulher mãe.

Nós, os filhos da civilização... de um seculo de luzes, compartilhemos o trabalho do anjo do lar, cedamos-lhe parte da nossas lides politicas e scientificas. E quando o nosso corpo estiver transformado numa bella flor; quando de nós não existir mais nada além da idéa vogando no oceano do tempo, nesses seculos de navegação aerea e submarina, que a mocidade de então diga

— «Elles eram ignorantes; mas na sua obscuridade resta-lhes a gloria de haver concedido á mulher uma parte do que lhe era devido — a liberdade politica.

A FOSCOLO.

CONFISSÃO

Direi a teus pés prostrado,
Numa doce confissão,
Tudo o que tenho guardado
Dentro do meu coração:

Começarei confezsando
Que anginho do céu te chamo,
Depois irei te contando
Quanto teus olbos eu amo;

Que da boquinha vermelha
Gosto, si afoga os desejos
Que excita, como uma abella
Coberta toda de beijos;

Que não sei cantar, siquer,
Teus pés, de derme tão fina,
Que não são pés de mulher
Nem tambem pés de menina;

E te direi, finalmente,
Terminando a confissão,
Que és tu, divina, sómente
Quem me occupa o coração!

OSORIO DUQUE ESTRADA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

CONTEMPORANEAS

POESIAS DE AGOSTO DE LIMA

O «*parnasianismo*» me é antipathico. Um parnasiano parece-me um manequim perfeitamente construido, mas tão pouco animado quanto pôde ser o papelão de que elle é feito. E' papel, não é musculo. Si me não engano exagerando inconscientemente os argumentos em meu favor, superabundam motivos racionais para condemnação desse modo de ser da poesia.

O «*parnasianismo*» é a volta ao passado. E' uma excursão ao mundo

classico, esse mundo tão diferente do nosso que é o podemos compreender auxiliados pela interpretação autorizada de um historiador ou archeologo. E para que essa excursão? E porque esse capricho subito por um mundo sem vida, quando toda a humanidade seria insufficiente ainda para ver e traduzir as infinitas phases da vida no presente, para induzir ou imaginar a vida no futuro?

E depois, é preciso reconhecer, é desolador o espectáculo das reacções e contra-reacções litterarias. As grandes litteraturas classicas interromperam-se quando a onda dos vencedores infundiu um sangue novo no organismo senil da civilização greco-romana. Os primeiros movimentos litterarios das nações esboçadas pela fragmentação das raças, sob a influencia dos climas variados, interromperam-se com a victoria da mentalidade dos vencidos e o advento da Renascença. Amalgamados elementos heterogeneos, formam-se o classicismo das litteraturas novas, convencional, falso, autoritario a ponto de estabelecer um estalão para as paixões, um peso para as idéas, isso até o dia da reacção romantica. O romantismo, realça a tradição interrompida pelo exacto orudito, que a todos os povos impuzera a mesma physionomia dos gregos e romanos, e quebrando os diques, rasgando os horizontes, impelle a arte para a liberdade e principalmente, por espirito de reacção, para o inverosimil, o irrazoavel, o absurdo, o impossivel. Não fallando no naturalismo, que é um methodo e pode abrigar innumerables escolas, apparece agora uma nova reacção, o parnasianismo, volta aos classicos, retorno ao «bom velho tempo» como si fóra possível revestir a oragnização nova do homem actual com a epiderme morta do homem de outrora.

Pois, porque todos os movimentos exageram-se e ultrapassam o seu fim hade vir sempre uma reacção, que, por sua vez, longé de supprimir os excessos anteriores procure trazer a campo o primitivo problema? Bem sei que si assim foi, assim devia ser. Não tenho a mais ligeira intenção de instaurar um processo no passado, porque elle foi como foi e não como eu o desejara. Si, porém, os acontecimentos por si mesmos se explicam e justificam, não é menos certo que estamos em uma era de commentarios e critica, e commentar o motivo de nossas acções é influir indirectamente sobre ellas. Seguindo nós de dia em dia menos automaticamente o encadeamento dos factos e parecendo irrazoavel esse balancamento da arte entre dois extremos condemnaveis, parece-me perfeitamente correcta toda tentativa em favor de um estado, que não seja esse.

E' o que na proporção dos meios de que posso dispor, e resolvendo-me o direito que reconheci em todos, procuro fazer contra o parnasianismo, expondo antipathias pessoas que têm pelo menos, tanto direito á publicidade como o proprio parnasianismo.

Ha porém alguma coisa acima das antipathias litterarias, é o sentimento de justiça, é a admiração pelo merito em qualquer ponto que elle se manifeste. A repulsão pela escola (porque o parnasianismo o é) não impede a admiração do individuo. Não é outro o meu modo de proceder diante das *Contemporaneas*, poesias *apparentemente* aliadas á escola em questão.

As *Contemporaneas* são poesias de

estréa de Augusto de Lima, e quando digo do estréa refiro-me tão somente á publicação de um livro, porque é litteralmente impossivel que se trate das primeiras produções do poeta. Precede a obra um prefacio de Theopbilo Dias, onde o laureado autor das *Fanfarras* mostra ter percebido, com o fino tacto de artista, que um prefacio era, em taes condições, pura questão de estylo, de etiqueta. O mundo dos litteratos conserva ainda as antigas tradições da cavallaria medieval; apresentam-se os poetas e romancistas como se armavam os cavalleiros. Ao lado de muitos inconvenientes—esse costume tem a vantagem de fazer com que os bons artistas não sejam confundidos com essa multidão de nullidades contra as quaes só ha uma arma—ignorar-se-lhes a existencia. O prefacio das *Contemporaneas* não é de um critico, é de um poeta, e do que está em melhores condições de comprehender o estreante. Prehinchidas as formalidades, o prefaciador não se demora entre o poeta e o publico e Augusto de Lima fica entre os nossos poetas no logar que de direito lhe pertence apresentado ou não, desde que escreveu as *Contemporaneas*.

Uma leitura por muito rapida que seja das poesias de Augusto de Lima faz conhecê-lo por uma de suas qualidades mais notaveis, que outros talvez classifiquem como — a mais notavel. E' a correcção da forma. O verso de Augusto de Lima é moldavel conio a cera, flexivel como o aço; adapta-se a todos os preceitos da mais rigorosa metrica, traduz as mais ligeiras gradações do pensamento, e sempre, qualquer que seja o momento, descreve elle com a calma de um espectador apenas curioso ou com a emoção de um interessado, sempre dominiando os sons variados daquela instrumentação, nota-se o rythmo rigoroso, mathematico, como só o têm os musicos.

E' é realmente um musico o autor das *Contemporaneas*. Nos seus versos não ha sómente a metrificacão, não ha sómente o que se aprende lendo e analysando boas poesias, ha mais do que isso, o que depende da organização — uma rica percepção dos sons.

Poeta pelo espirito, Augusto de Lima é um musico pelo coahecimento de todos os segredos da dicção, pela noção clara do valor musical da palavra, pela delicadeza de sua organização auditiva.

A palavra é sem duvida para elle ao mesmo tempo a representação de uma idéa e de um som, e por isso suas poesias não são simplesmente representativas, são tambem symphonicas.

Organizações ha que possuem em alta escala a percepção musical da palavra, sem que por isso, por um «balancamento organico» sofram atrophia proporcional em outro sentido. O poeta das *Contemporaneas* é assim. Elle não é simplesmente um poeta, não é simplesmente um *audilvo* na phraseologia dos neurologistas, é um poeta em cuja personalidade entra a organização de um musico. Sua poesia deve ser declarada, interpretada pela audição e nunca pela visão sómente. E' poesia *lyrica*, dand-se ao termo *lyrico* a primitiva accepção, a que elle tinha quando a poesia mal diferenciada da musica era sempre cantada.

Creio baver nisso um elemento de popularidade para o poeta. E' sabido que os «auditivos» são mais numerosos que os «visuaes». Não me refiro á

representação interna da palavra, mas sim ao maior gráu de impressionabilidade de um ou outro sentido. A universalidade da musica, reforçada em nós por uma inclinação da raça, bem evidente nas alterações da phonetica brasileira, assegura á poesia *lyrica* das *Contemporaneas* uma longa existencia, muito mais longa do que devem esperar quantos servem-se da palavra — *symbolo* descurando a palavra — som.

Abstenho-me de citar, porque fóra preciso faz-lo em larga escala para documentar o que fica dito. Apenas a titulo de exemplo transcrevo duas quadras da poesia *Entre as arvores*, fazendo observar na segunda quadra a prova das afirmações até aqui feitas:

A onça gemedora as palpebras vermelhas
escancara e boceja; espreita... e segue após,
compassada ao trilho: uma nuvem de abelhas
acompanha-a, soltando a zumbidora voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,
em cachêes a cascata espumejante tomba
dos negros alcantis, — emquanto sobre tudo
paira a alegria eterna, assim como uma
pomba.

Fora preciso transcrever quasi toda a obra — *Entre as arvores*, *O sceptico*, *O inquisidor*, *A ilha de coral*, *As lagrimas do regato*, *O abysmo*, etc., para exemplificar bem.

Até aqui o cultor da forma. Não é entretanto esse o distinctivo do poeta. Ser parnasiano já é alguma coisa, mas não é tudo. Um verso bem feito pôde ser uma obra prima, mas uma obra prima sem vida. Faltaudo-lhe a sensibilidade e a sensibilidade propria a um determinado individuo, faltam-lhe os elementos de relação do artista com o mundo, essa relação que analoga a muitas outras e a nenhuma semelhante, constitue a base psychico-physiologica da personalidade do artista. Não basta a complexidade dos sons bem dispostos em uma poesia para constituir o poeta, é necessario ainda que elle possua alguma coisa de commum com todos os homens — o sentir, e alguma coisa exclusivamente sua — a personalidade originada em uma feição especial do sentir.

Augusto de Lima, apesar do culto da forma, é um homem de nosso tempo, vive no agitado meio social em que vivemos, sente o que nós sentimos, respira a atmospherá excitante que nos estimula a todos. Apesar do titulo de parnasiano, elle é um poeta de hoje, tem essa sinceridade. Suas poesias são realmente *contemporaneas*, litteralmente *contemporaneas*. Não, ello não blasphemou, como affirma Theopbilo Dias. Si suas poesias não são contemporaneas quanto á vida que devem ter, são contemporaneas quanto á vida que traduzem.

E não seria essa a intenção do poeta resumindo em um titulo um eloquente e inconsciente protesto contra a escola a que o filiaram, contra a escola a que elle proprio voluntariamente se filia por um equivoco na interpretação do que sente?

Não seja embora essa a verdadeira accepção, ainda assim o parnasiano pouco se pouco se transfigura. Onde está a obediencia a esse codigo anti-physiologico e anti-psychico que preceitua a insensibilidade do poeta? Onde está nas *Contemporaneas* essa indifferença, essa *deshumanidade* professada pelos parnasianos francezes. Em parte alguma. O poeta é um homem e o problema par-

nasiano não pôde ser resolvido por homeas, deve ser reservado para os automatós. E' uma irreflectida exemplificação da logica hypothese de Maudsley: «Supponho que si o homem algum dia chegar a alcançar uma harmonia perfeita com o mundo exterior, isto é, com tudo que o cerca sem exceptuar a natureza humana, de modo a perceber e agir em todas as circumstaúcias com a certeza e precisão irreflectida do instincto, não existirão mais nem memoria nem razão, nem sentimento, nem vontade, porque esses factos psychicos implicam uma excitação mental *persistentente* na consciencia; o homem agirá então com a regularidade, a precisão, e a certeza automatica de uma máquina perfeita.»

A poesia de Augusto de Lima é de hoje e não pretende occultal-o, é sem duvida musical, é *lyrica*, mas ó humana. Elle reforça a imagem de suas idéas com a musica da palavra, mas não intenta a involução artistica, a redução da poesia á musica, a uma sonoridade *brihante* na phrase de outro poeta. Seria uma tentativa anachronica, porque já houve em remoto passado essa simplificação, e uma tentativa impossivel, porque da complexidade de sua organização do artista só pôde provir uma funcção artistica igualmente complexa.

Eacontram-se nas *Contemporaneas* alguns exemplos do *dialecto parnasiano*, que não quera denominar *argot* dos poetas, mas Augusto de Lima tem sentimento e idéas de mais para que não faça de uma poesia uma clarada. Si o aproximarmos de outros menos correctos que elle, no entanto mais parnasianos embora não tenham chegado á *perfeição na imperfeição*, veremos, quanto é *apparente* o seu parnasianismo. Sirvo-me de dois poetas de nomeada entre poetas:

Vós que na lyra o languido desmaio
Celebraes das romanticas Virgíneas
O amor, e as cheias amporas setineas
Dos lyrios braacos e as manbas de maio
Vosso arrabil marcial, bravos, vibrae-o
E veremos das orbitas sanguineas,
Despedirdes, colericas, fulmineas
As faiscas electricas do raio.

Havia um bocejar de luz prometheana:
Era a estrella a morrer. Um viaho de luz
turbu
la enchendo do céu a taça semi-curva
Voltada na amplidão com uns tons de por-
cellana.

Em todas as *Contemporaneas*, onde a perfeição da forma vae a ponto de não se notar a rima forçada, evidente na citação feita, não encontro um verso tão proxivamente *apparentado* com o gongorismo, como esses. A poesia de Augusto de Lima é deste genero: — *O Sceptico*.

« Percorro da sciencia o labyrintho,
e em tudo encontro um écho duvidoso:
materia vã, espirito enganoso,
mentis, tudo é iuentira, eu só não mintó.
Vejo, é verdade, a vida e a vida siato,
o calorico, a luz, a dor e o gozo,
a natureza em flór, o sol formoso
e o céu das côres da Alliança tinto.
Mas quem, sinão eu mesmo, vê tudo isto?
e quem pôde affirmar-me que eu existo,
visões celestes, velhos nebulosas?»
Em seu cráneo a razão despouta e morre,
couo o santelmo fatuo, que discorre
na solidão das minas tenebrosas.

Fóra preciso citar o *Polo*, as *Lagrimas do regato*, etc., para demonstra bem o que quero. E' sempre uma poesia correcta e sentida, cuidada e sincera; mais correcta do que sentida, porque chega ás vezes á perfeição metrica sem alcançar a paixão, porém bastante sen-

sivel, bastante sincera, bastante contemporânea para romper os mesquinhos horizontes do mundo em miniatura parnasiana.

Resumindo em uma palavra o que nas *Contemporaneas* deixa-me entrever o poeta, direi que a qualidade pessoal de Augusto de Lima é a *graca*. Mas entendamo-nos, porque a palavra presta-se a equívocos e aos equívocos se deve uma boa parte da anarchia intellectual. Não me refiro ao *chic*, o supremo grão da nullidade artistica. Refiro-me ao phenomeno estudado e explicado por Spencer, a esse alto grão de energia que se deixa adivinhar na facilidade com que o artista se expressa; á ausencia absoluta de esforço deixando-se entre tanto suspirar a força em acção. E' isso. A forma correcta é o limite dentro do qual se agita a sensibilidade do poeta. Do contraste entre essa viva sensibilidade e essa forma rigorosa, aquella encerrada nesta sem as lindezas de uma natureza apaixonada, resulta uma elevação da poesia. A palavra do poeta assume uma certa gravidade entre o tom prophético do romantismo hugoano e a familiaridade dos poetas sentimentaes.

Ante aquella fórma impecavel limitando uma vida fremente, tem-se a percepção de uma individualidade profundamente sensível e energeticamente calma. Apenas por uma leve inflexão na voz, um brilho rapido e fugaz no olhar conhece-se o que vai pela consciencia. Não é um organismo para o qual, com o embotamento das extremidades nervosas, obstruam-se as portas de entrada para as impressões do mundo exterior, ao contrario, os receptores, mais perfeitos que commumente, multiplicam a extensão e energia dos sentimentos. E' porém um organismo no qual por effeito de herança e habito, as expressões das emoções, de schema de acções, que eram, passaram a schema de um schema.

E' um poeta que domina-se e não um poeta que não sente. Sente na proporção da sua organização cerebral de homem do seculo XIX, mas reage tão somente até o ponto permitido pelo seu habito social. A regularidade do verso, o rigor metrico é o código artistico como o decore, a delicadeza é o código de uma sociedade culta, mas dentro desse circulo agitam-se todas as paixões humanas. Por isso Augusto de Lima, o poeta que, pelo culto da forma mais proximo está do parnasianismo, só é parnasiano apparentemente, e a sympathia que elle desperta está na proporção do que elle sente, que do elle se affasta da escola.

Qual não seria o futuro das *Contemporaneas* si ainda mais intensamente vivesse alli o homem de hoje? Mas, si assim fóra, outro que não Augusto de Lima seria seu autor. E' preciso aceitar-o tal qual é, e felizmente para a litteratura e para elle não se trata neste caso de alguém que possa ser como este ou como aquelle individuo; Augusto de Lima é poeta, um determinado poeta e não um poeta qualquer.

LIVIO DE CASTRO.

MOVIMENTO LITTERARIO

Deve apparecer na proxima secciana o esperado volume de poesias do distincto poeta Mucio Teixeira.

— Está a ultimar-se nas officinas da *Imprensa Nacional* a impressão da traducção da *Divina Comedia* pelo fallecido Barão da Villa da Barra, traducção, cujas bellezas os nossos leitores podem avaliar por um trecho publicado nestas mesmas columnas. A obra é edictada pelo Dr. J. C. Mariani, e será precedida de um estudo sobre o Dante e sobre o traductor pelo Dr. Araripe Junior.

— Também será brevemente edictado em livro o romance que, sob o titulo *O Rei phantasma*, está publicando, em folhetins, na *Cidade do Rio*, o Sr. Coslho Netto, escriptor já conhecido por trabalhos litterarios inseridos em diversas folhas desta capital.

ALMA ANTIGA

Põe a tu'alma francamente aberta ao sol que pelos páramos fazeia; que o sol para a tu'alma velha-e-prisca deve de ser como um clarim de alerta.

Desperta, pois, por entre a luz, desperta como de um ninho a pomba quente e arisca á luz da aurora que dos altos risca de listrões d'ouro a vastidão deserta.

Vae por Abril em flôres gorgendo, como passaro exul, as canções leves que os ventos vão nas arvores deixando.

E tira da tu'alma, ó doce amiga, almas serenas, puras como neves, almas mais novas que a tu'alma antiga!

CRUZ E SOUSA.

THEATROS E DIVERSÕES

PRADO VILLA-ISABEL

Fechou com chave de ouro a actual época a magnífica corrida de domingo 25 do corrente, effectuada neste club.

Apezar do monstruoso calor, a concurrencia foi grande e selecta.

ROMANCE DESFEITO

A. J. F. DE OLIVEIRA MENDONÇA

Desse romance d'outr'ora que escrevemos juntamente, Quando eu era ainda um crente E a nossa vida uma aurora.

Paginas houve tão bellas De tanto amor palpitantes Que foram menos que instantes Os dias para escrevel-as.

Tinham outras a poesia Das noites aluaradas, Gemiam harpas vibradas Ao sopro da ventania.

Esta contava desejos, Arrufos, zangas, queixumes, Dizia aquella os ciúmes Que eu apagava com beijos,

Mas depressa o tempo fuge, E desse idyllio tão santo De muito riso e algum pranto Guardamos apenas hoje,

O mesmo ardor consagrado Em doce-amarga lembrança, Alimentando a esperança De reviver o passado.

OLIVEIRA E SILVA.

Diversas Publicações

Accusamos recebidas e agradecemos a remessa das seguintes:

A ILHA DE FERNANDO DE NORONHA, noticia historica, geographica e economica, por Francisco Augusto Pereira da Costa.—Pernambuco.

E' um trabalho organizado em virtude de incumbencia que o autor recebeu da presidencia daquelle provincia, por ordem da qual é agora publicado.

Paciente e criterioso investigador, qual se tem revelado em diversas publicações congeneres, o Sr. Augusto da Costa conseguiu reunir no presente volume preciosos dados e informações sobre a ilha de Fernando de Noronha.

Tivessemos nós subsidios taes acerca das outras localidade e estabelecimentos do paiz, outra fora a sorte da chorographia e historia do Brazil, principalmente da primeira, tão pouco estudada entre nós.

REVISTA DO CLUB DE ENGENHARIA.—Anno I.—XI.

Entre os diversos trabalhos do numero distribuido tornam-se credores de particular attenção: os discursos dos engenheiros Paula Bicalho, Moraes Jardim e Pedro Betim sobre o abastecimento d'agua á cidade do Rio de Janeiro; e os dados para orçamentos de obras hydraulicas, organizados pelo engenheiro Del-Vecchio.

REVISTA DE ENGENHARIA, sob a direcção do Engenheiro civil José Americo dos Santos.—Anno IX.—N. 175.

Além da noticia dos actos officiaes relativos ás especialidades que fazem objecto da Revista, traz este fasciculo uma carta de Z. Barros, escripta de Lausanne (Suissa), a respeito dos congressos organizados pela Associação Internacional de Geodesia.

REVISTA DOS CURSOS PRATICOS E THEORICOS, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.—4º anno.—1º Semestre.

O presente volume recommenda-se, não só pelas informações concernentes aos cursos, professados na Faculdade, de physica, physiologia experimental e medicina legal, sinão também pelos seguintes artigos, dignos certamente da attenção dos competentes:

Agua mineral do Araxá, pelo Dr. C. F. de Souza Fernandes.

Colotomia lombar e colotomia iliaca, pelo Dr. Marcos Cavalcanti.

A proposito da correlação morbida entre as parotidas e os ovarios, pelo Dr. Pedro S. de Magalhães.

Traumatomologia forense, pelo Dr. Souza Lima.

ALMANACH DE CASA BRANCA para o anno de 1888, organizado e publicado por Wencesláu de Almeida e L. de Toledo.—1º anno.

Não se limitaram os organizadores deste Almanach a colligir, em relação áquella localidade, os dados communs aos trabalhos de tal genero. Elles foram muito além, e deram á publicação interessante e sympathica phyeiconomia.

O leitor encontra aqui as mais completas informações sobre a chorographia e historia da cidade; biographias do typos populares; e uma preciosa collecção de contos e poesias firmadas por escriptores nacionaes de reconhecido merito.

O OCCIDENTE revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro.—N. 322.

Traz cópias photographicas da bahia de Cabinda e de Sé Velha de Coimbra, e um quadro representando a familia real no norte do Reino.

Merecem especial menção a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato e o estudo de Pinheiro Chagas sobre o finado estadista portuguez Fontes Pereira de Mello.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra publicada por Wencesláu d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado